

Psicanálise, hoje e amanhã

Maria Laurinda Ribeiro de Souza

Qual é, neste final de século, o lugar da Psicanálise?
Que articulações são possíveis entre o seu desenvolvimento, o seu declínio,
e as transformações históricas e culturais de nossa época?

Comecemos pela clínica - lugar onde se entrecem e ressignificam os diferentes tempos da vida: presente - passado - futuro.

Marcelo

Marcelo tem sete anos. Há quatro, nós nos encontramos regularmente. Às vezes conseguimos conversar, brincar, criar. Às vezes, ele se isola num jogo masturbatório do qual é impossível retirá-lo. Em muitos desses momentos, eu me isolo numa sonolência insuportável.

Neste dia do qual quero falar, ele entra na sala, pega uma folha de papel e um lápis, escreve algumas palavras e me mostra a folha. Fico tentando “decifrar” o

que ele quis escrever, “desvendar” o significado das letras, “juntar” isso com a história dele - da qual uma parte (que é a nossa própria história) eu imagino conhecer... Vou me angustiando e ele não faz mais nada - insiste em me mostrar o papel... Algum tempo se passou - para mim foi muito... até que me dou conta de algo fundamental e posso, no mesmo instante, dizer-lhe - agora não mais olhando para o papel, mas para ele: Marcelo, você está escrevendo! Ele sorri, tem uma expressão de júbilo e, agora, solta a folha e se tranqüiliza.

Maria Laurinda Ribeiro de Souza é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Este texto foi inicialmente apresentado na Semana da Psicologia da PUCSP/96.

Que se passou? Por que me vi às voltas com uma tentativa de deciframento e de compreensão - como se alguma teoria tivesse que ser interposta na situação para que eu não o reconhecesse como sujeito e onde eu, então, não o via; olhava para a folha escrita?

Podemos pensar no uso da teoria como obliterante, como expressão da resistência do analista... Mas, talvez, o mais significativo aqui tenha a ver com o meu impedimento em reconhecê-lo... Algo que se estruturou no campo transferencial como eco de uma história anterior de não-reconhecimento. Esta criança tinha vindo para atendimento por

sar de ser manhã e estar claro - e disse-me sorrindo: "Vou acender a luz para a Laurinda não ficar no escuro!"

Em que escuro eu ficava? Da sua ausência? Dos enigmas que este tratamento produziu em mim? De um desejo de investigar as questões que ficavam sem resposta - questões sobre o autismo, sobre a psicose, sobre as possibilidades de intervenção da psicanálise... "Luz" para construir a posteriori um saber que não se sabe - forma de tornar viva e presente a psicanálise e o meu lugar de analista. Foi com isso que ele me deixou...

dente - desapareceram vários sintomas físicos e ele passou os dias brincando com o filho pequeno. A mãe ficou desesperada. Um mês depois de sua morte, ela estava sozinha com o bebê em casa, à noite. Chovia muito e as luzes se apagaram. Ela tomou o bebê no colo, abraçou-se a ele, chorou muito, entrou em pânico e rezou alto para que Deus fizesse a luz voltar...

História impactante sem dúvida, que não deixa de acrescentar enigmas sobre a sua gravidez, sobre as inscrições psíquicas e sobre sua repetição na transferência...

História impactante que acrescenta enigmas sobre a sua gravidez, sobre as inscrições psíquicas e sobre a repetição na transferência.

Ney

Ney está sentado em sua cama na UTI infantil de um hospital público. Toma a caixa de papelão que contém seus brinquedos, a maior parte deles trazidos pela equipe que trata dele. Escolhe uma carteira e arruma nela o dinheiro que também ganhara durante estes sete meses de internação. Olha-me e diz que está arrumando suas coisas para quando for viajar. Vejo que ele se prepara para sair da UTI e, de fato, nessa mesma semana, ele, agora mais resistente para os riscos de infecção, é transferido para a pediatria de onde, algum tempo depois, vai para casa.

Ele chegara ao hospital em estado muito grave. Fora atropelado por um caminhão, estava com o abdome aberto e com dificuldade respiratória. Fui chamada dois dias depois de sua internação porque os médicos se surpreenderam com sua rigidez corporal e com seus olhos arregalados e assustados - há dois dias não dormia. Quando chego perto do seu leito, ele está cercado pela equipe. Eu também me assusto, penso que esperam de mim um milagre, e que eu não sei o que fazer.

uma suspeita de autismo - não falava e funcionava através do corpo materno.

Quando, um ano depois desta sessão, ele interrompeu o tratamento, fez, na última sessão, um reencontro com a sua história na análise - reproduziu, com uma seqüência surpreendente, os jogos e brinquedos que mais o ocuparam no trabalho, olhou e mexeu nos objetos da sala que com mais frequência tirava do lugar... Guardamos tudo na caixa e ele se despediu. Estava indo embora e retornou. Acendeu a luz da minha sala - ape-

Uma semana depois, conversei com a mãe desta criança. Comento com ela o episódio da luz e digo-lhe - não sem certa surpresa para mim mesma - que isso tinha a ver com ela. Ela se emociona, retoma várias situações em que o menino brinca de acender e apagar a luz e fala, então, de uma situação que nunca havia retomado: o pai deste menino, seu marido, havia morrido de leucemia, quando ele tinha 6 meses. O diagnóstico havia sido feito quando ela estava grávida. Depois do nascimento de Marcelo, o marido teve uma melhora surpreen-

Aproximo-me, pego a mão do menino que está dura e fria e apresento a ele as pessoas que o cercam. Explico-lhe por que está ali e o que lhe aconteceu... Digo-lhe que todos estão preocupados porque ele não dorme; que eu imagino que esteja com medo, e tendo que tomar conta de tudo que lhe acontece. Mas todos estão ali para cuidar dele e, portanto, ele podia descansar... Logo depois ele adormece. De fato, as palavras têm um efeito milagroso - verdade que nunca deixa de nos surpreender continuamente em nosso percurso como analistas.

Algum tempo depois, estou atendendo este menino, que continua na UTI; uma criança ao lado de seu leito chora desesperada, embora a enfermeira tente acalmá-la. Eu e ele olhamos mudos para a situação - o que me fez ficar ali, quieta, ao lado dele, olhando a cena? Quando a criança diminui a agitação, ele me olha e diz: "Sabe, eu também fiquei muito assustado quando cheguei aqui!" E então conversamos sobre sua chegada e sua permanência na UTI. O que me fez ficar quieta, ao seu lado, penso eu, foi a força da transferência que me sustentou no lugar de analista. Embora não houvesse nenhuma parede que me impedisse de ir socorrer a outra criança, não era disso que se tratava; o que se passou era algo que tinha e não tinha a ver com a cena ao lado.

Situações clínicas diferentes ... *settings* diferentes... O que eles nos evidenciam é que a psicanálise hoje, como na sua origem, não se define pela uniformidade do *setting*. Seus pilares são a existência do inconsciente - suas manifestações nos sonhos, sintomas, atos falhos, nas repetições - o reconhecimento da sexualidade infantil, da repressão, da resistência, da transferência e da possibilidade de cura pela palavra.

A preocupação com o futuro

Num texto de 1926 - "A Questão da Análise Leiga" - Freud afirma: a psicanálise se desenvolveu pouco a pouco, lutando longo tempo para construir cada peça, e a modificamos continuamente no estrito contato com a observação: até que, por fim, ganhou uma forma que parece servir aos nossos propósitos... Não posso garantir que essa forma seja a definitiva."¹

Interessa-me refletir
sobre o futuro ou morte dos
psicanalistas, pensando
aqui nos dispositivos clínicos
e sociais em que
se desenvolve a sua ação.

E em 1925, ele termina sua "Autobiografia" dizendo: "A palavra psicanálise acabou adquirindo vários sentidos. Originariamente dava somente o nome a um método terapêutico especial, mas, agora, passou a ser também o nome de uma ciência, a ciência do Inconsciente. Esta ciência não é, em geral, capaz de resolver certos problemas sozinha, mas parece destinada a oferecer contribuições importantíssimas aos mais diversos campos do saber. (...) Assim, pois, voltando um olhar retrospectivo sobre a obra de minha vida, posso dizer que fui o iniciador de muitas coisas e o instigador de muitas outras, das quais disporá

o futuro. Não posso, porém, prever se isso será muito ou pouco."² E dez anos depois acrescentou um parágrafo final: "Tenho o direito de formular a esperança de ter aberto o caminho para um importante progresso em nosso conhecimento"³. E, no posfácio: "Não há dúvida de que a psicanálise sobreviverá, pois tem demonstrado capacidade para viver e desenvolver-se como um campo do saber e como terapia."⁴

Preocupação com o futuro? Sem dúvida esta é uma questão para Freud. No "Futuro de uma Ilusão" ele nos diz: "O homem, em geral, vive como que ingenuamente o seu presente, sem poder dar o devido valor ao conteúdo de sua época; é preciso ganhar distância, isto é, que o presente se transforme em passado, para que se possa ter um ponto de partida para julgar o futuro (...) Quanto menos se conhece do passado e do presente tanto menos seguro será fazer uma avaliação do futuro".⁵

Esta é também a questão que nos toca neste momento. Neste sentido, e tomando como referência a indicação dada por Freud, parece-me pertinente retomar alguns aspectos do momento histórico em que surgiu a psicanálise e analisar algumas vicissitudes do seu desenvolvimento para que possamos, talvez, supor algo sobre o seu futuro.

Várias questões me nortearam neste ponto de partida: há lugar, hoje, para o conhecimento próprio do campo psicanalítico? Qual a especificidade desse saber, visto que ele se infiltrou em outras áreas, como a psicologia, a psiquiatria, a medicina, a arte, a literatura, o cinema... Que uso fizeram essas áreas deste saber? Interessa-me, também, que deslindemos uma outra vertente do tema - não mais a pergunta sobre o futuro ou morte da psicanálise mas sim sobre o futuro ou morte dos psica-

nalistas, pensando aqui nos dispositivos clínicos e sociais em que se desenvolve a sua ação - instituições de formação, instituições assistenciais, consultórios privados... Sobre cada um deles haveria muito a ser analisado.

Em geral estas perguntas surgem num contexto ligado à análise das transformações históricas deste final de século e a certas características que, embora não sendo historiadores, podemos detectar: abolição de fronteiras territoriais (vejam que esta é uma das questões que levantei com relação ao saber próprio da psicanálise quando se dá a sua apropriação por outros territórios), guerras violentas pela manutenção de uma especificidade étnica, religiosa e cultural; fome, miséria e desemprego atingindo uma grande parcela da população mundial. Na França, no dia primeiro de maio de 1996 - Dia do Trabalho - houve uma manifestação significativa endossando as propostas de Le Pen, representante da extrema direita no país, que defende a expulsão dos estrangeiros, já que eles tirariam as possibilidades de emprego dos franceses. Em São Paulo estima-se um índice de 15% de desempregados... sem falar das chacinas e outras formas de extrema violência. Do outro lado da moeda, como dois pólos radicais, há áreas de intenso desenvolvimento e alta concentração de renda. No campo das ciências, uma especialização cada vez maior, o predomínio da linguagem informatizada, a rapidez das comunicações, a tentativa de acirramento contínuo do consumo... Talvez a característica mais marcante deste final de século e que mais angústia tenha trazido ao homem tenha a ver com a velocidade do tempo. Rapidez que se desfaz, por uma precariedade que lhe é inerente - um modelo logo sendo substituído por outro, uma tecnologia cada vez mais avançada que torna

sucata o antes construído - a própria vida correndo o risco de ser assim entendida; ao lado de estatísticas que comprovam a longevidade cada vez maior do ser humano, uma idéia subjetiva de que o tempo passa muito rápido e de que o homem rapidamente se depara com a morte.

Vi, há um certo tempo, uma faixa de propaganda que me surpreendeu: "A vida é reciclável: doe seus olhos". Mensagem contundente e angustiante - não pude deixar de pensar no projeto do lixo reciclável, na parcialização do corpo, na velocidade da perda da subjetividade - Vive-se/morre-se/retiram-se os olhos... Vive-se/morre-se/retiram-se os olhos... isto podendo ser repetido indefinidamente, como numa linha de montagem automatizada.

Ou esta outra, presente nos *outdoors* da cidade: "Um dia todos os corpos serão iguais. Aproveite enquanto o seu é diferente". Na imagem um rapaz, não sei se melancólico ou assustado, e uma série de ossos e caveiras avisando-nos que este será logo o nosso destino, e que portanto é preciso aproveitar o pouco tempo que nos resta. Demorei para poder me dar conta do que se pretendia vender com esta propaganda, já que a mensagem de precariedade e de morte me atingiu com mais intensidade. Freud já havia destacado que para o doloroso enigma da morte não há nenhum bálsamo e nem é possível que ele venha a ser descoberto... Diante dessa inevitabilidade e dessa submersão no desamparo, a sobrevivência narcísica tem sido insistentemente buscada.

Mas, vejam vocês, eu havia introduzido a questão sobre os tempos de origem da psicanálise, e vi-me rapidamente remetida para o momento atual. Paradoxo da temporalidade quando pensada a partir da ressignificação, ou eco de várias falas de Freud que nos surpreendem pela atualidade de sua

análise? Selecionei algumas delas: "Parece estabelecido que não nos sentimos bem dentro de nossa cultura atual; porém é difícil formar um juízo sobre épocas anteriores para saber se os seres humanos se sentiram mais felizes, em que medida, e se suas condições de cultura tiveram parte nisso (...). Como último traço de uma cultura, porém sem dúvida não o menos importante, apreciaremos o modo como se organizaram os vín-

Vi-me rapidamente
remetida para o
momento atual:
paradoxos da
temporalidade...

culos recíprocos entre os seres humanos; os vínculos sociais que eles estabeleceram como vizinhos, como dispensadores de ajuda, como objeto sexual de outra pessoa, como membros de uma família ou de um Estado. A convivência humana só se torna possível quando aglutina uma maioria mais forte e coesa que os indivíduos isolados (...). Mas o ser humano tem também uma boa dose de agressividade. Em consequência disto, o outro não é para ele somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer nele sua agressão, explorar sua força de trabalho sem o ressarcir, usá-lo

sexualmente sem seu consentimento, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dor, manipulá-lo e assassiná-lo. Em circunstâncias propícias, essa força se exterioriza e desmascara os seres humanos como bestas selvagens que nem sequer respeitam os membros de sua própria espécie. (...) Na cultura de nossos dias, aquele que se esforça por manter e fazer valer os princípios éticos põe-se em desvantagem diante daqueles que os ignoram”.⁶

Ou, então, esta citação que Freud toma de um de seus contemporâneos: “Tudo se faz depressa e em estado de agitação: a noite se aproveita para viajar, o dia para os negócios; mesmo as viagens de lazer são causas de fadiga para o sistema nervoso... lutas políticas, religiosas, sociais... impõem ao espírito um esforço cada vez maior, roubando tempo ao sono e ao descanso. A vida nas grandes cidades tornou-se cada vez mais refinada e

mos pensar que, independentemente do momento cultural, o homem enquanto sujeito está sempre atravessado por um mal-estar que lhe é inevitável? A isso Freud nos responde de forma afirmativa.

Uma breve análise sobre a modernidade pode nos ajudar a situar melhor essa questão. Para Michael Löwy poucos conceitos são tão ambíguos e polissêmicos quanto este. “Entretanto, o dicionário nos dá uma indicação interessante: moderno é o que “se beneficia dos progressos recentes da técnica e da ciência”. O conceito de modernidade estaria portanto estreitamente ligado ao de progresso, isto é, à valorização positiva da novidade. Desde o século XVIII, o progresso por excelência é aquele que se manifesta na novidade industrial, técnica e científica - assim como nas transformações sociais, políticas e culturais correspondentes: urbanização, racionalização, democratização, secularização, etc.”⁸

Löwy assinala que um dos críticos mais radicais desse conceito de modernidade é Walter Benjamin, para quem o progresso está marcado por catástrofes - a exploração mortífera da Natureza, o aperfeiçoamento das tecnologias de guerra que provocam massacres contínuos e irracionalidade fascista. Max Weber aponta também para as contradições e os limites da modernidade, mostrando que a busca de calculabilidade e de eficácia acarreta a burocratização, a alienação, a coisificação das atividades humanas, e o desencanto com o mundo.¹⁰

Segundo Jacques Le Rider¹¹, Viena, berço onde Freud construiu a Psicanálise, foi palco, a partir da segunda metade do século XIX de uma série de mudanças políticas, culturais e sociais que conduziram ao período da chamada “modernidade vienense”. De 1890 a 1910, estendendo-se até 1938, Viena transformou-se numa influência tentando ultrapassar o conservadorismo que a afastava de outras grandes capitais européias, como Paris, Londres, Berlim... Os pensadores austríacos se voltaram para a análise da interioridade, cultivando o individual e a subjetividade. Viena do fim do século tem também um interesse na pós-modernidade, por aquilo que desenvolveu como enfoque crítico à própria idéia de modernidade - a crítica ao progresso guiado pelo racionalismo científico e a denúncia da crise de identidade do homem moderno - e neste sentido, se aproxima do momento que vivemos.

A experiência contemporânea, pós-moderna, nos faz testemunhas dos efeitos desse progresso, e a idéia de sujeito como um ser criativo fica talvez secundarizada, em função da pregnância de um mal-estar mais intenso; a idéia de sujeito encontra-se submetida a um processo de destituição, de esvaziamento. Uma crise de identidade que leva o sujeito a se refugiar na ilusão da primeira saída encontrada - os re-

A experiência contemporânea nos faz testemunhas dos efeitos desse progresso.

A idéia de sujeito criativo fica secundarizada, submetida a um processo de destituição e de esvaziamento.

desagradável... nas produções culturais e na literatura se incitam os valores mais cruéis e o desprezo pelos princípios éticos e por todos os ideais”.⁷

Como vocês vêem, essas falas ressoam em nós de uma forma muito familiar. Será, então, que pode-

A idéia de sujeito presente nessa concepção é a do sujeito criativo - “os indivíduos são chamados a se tornar “sistemas autopoéticos”, em contínua recriação e a proceder sem trégua para a reorganização coletiva da desordem do mundo e de sua própria vida”.⁹

médios miraculosos, as religiões, o consumismo, as terapias rápidas - ou a busca uma valorização na tradição, retomando a cultura dos pequenos agrupamentos. Torna-se assim mais conservador do que criativo.

○ mais provável é que as flutuações históricas levem a psicanálise a retornar periodicamente ao isolamento.

A psicanálise, que se desenvolveu como campo de conhecimento no seio da modernidade, tem seguido alguns autores acompanhado em seu apogeu e em seu declínio o destino da própria modernidade. Nos Estados Unidos, seu declínio se torna visível a partir da década de 60, na França, a partir da década de 80, e no Brasil, a partir da década de 90.

Otto Kernberg, psicanalista que ocupa lugar de destaque na psicanálise americana, numa entrevista à revista *Percurso* realizada em março de 1995¹², descreve a crise da psicanálise nos Estados Unidos como um efeito produzido desde a década de 60 com a incorporação da psiquiatria pela medicina e pelo desenvolvimento de outras práticas terapêuticas de resolução mais imediata. Ele ressalta também que nos países onde a psicanálise tem se preocupado com suas aplicações sociais e com suas relações com o meio ambiente, tem tido mais força do que em países onde vem se mantendo mais fechada. Não podemos

nos esquecer de que nos Estados Unidos houve um desenvolvimento maciço da Psicologia do Ego, com todas as críticas feitas por Lacan a esse desvio, já que ele descaracteriza o que é mais próprio da psicanálise e remete a um tratamento ortopédico e adaptativo.

Outra vertente para pensarmos o destino da psicanálise é o de sua institucionalização. Quando Freud retoma, em "História do Movimento Psicanalítico", a origem da Associação Psicanalítica de Viena - composta por um grupo de discípulos que se reunia sistematicamente em sua casa, desde 1902, com o propósito de aprender, exercer e difundir a psicanálise - destaca dois maus presságios que terminaram por afastá-lo desse grupo:

1. não conseguiu criar entre seus membros uma harmonia amistosa que deveria reinar entre homens empenhados numa mesma e difícil tarefa;

2. não pôde evitar as disputas pela prioridade a que levaram tais condições de trabalho.

E se em vários textos ele destaca, no que se refere à questão da formação, a troca possível e desejável a ser feita nas associações psicanalíticas, não deixa de vislumbrar os riscos das desavenças, da burocratização, rigidez e autoritarismo dessas instituições, sendo ele próprio, algumas vezes, o pomo da discórdia de várias lutas fratricidas. Quando em 1910 se constituiu, por proposta de Ferenczi, a Associação Psicanalítica Internacional, e Freud indicou Jung para a presidência, deu-se imediatamente, um mal-estar entre o grupo de Viena e o grupo de Zurique. Apenas quatro meses depois, Freud escrevia a Jung lastimando a prematuridade deste passo.

O movimento institucional expandiu-se e não deixou de apresentar as contradições já presentes na sua origem - sendo atravessado por vários riscos: o desejo de saber transformando-se em desejo de poder, e o desejo de poder em abuso

de poder; o desejo de conhecer em ânsia de se fazer conhecer, o desejo de criação e invenção em valorização defensiva da reprodução do mesmo - tentativa vã de encontrar certezas num ofício onde a indeterminação e as incertezas estão sempre presentes. No entanto, estas transformações não têm mão única; em certos momentos e em determinadas condições, talvez seja possível invertê-las.

Outra questão a ser analisada é a da incorporação ou substituição da psicanálise pela medicina e pela psiquiatria. A psicanálise nasceu marcando uma ruptura com o saber médico da época e Freud deixou claro que ela se constituiu como campo próprio - "De forma alguma consideramos desejável que a psicanálise seja fagocitada pela medicina e termine por encontrar seu depósito definitivo no manual de psiquiatria dentro do capítulo "Terapia", junto a procedimentos como a sugestão hipnótica e a auto-sugestão... Merece um melhor destino e confiamos que o terá."¹³ Aqui, suas expectativas não se confirmaram. No entanto, parece-me muito pertinente a afirmação de Jean-Paul Valabrega a esse respeito: "É possível que, em sua forma (relativamente) "pura" - o ouro puro, segundo a metáfora freudiana - o exercício da psicanálise desapareça, seja por decreto de um poder legal, seja através da integração em algum sistema de assistência médico-social; aliás, tais exemplos já existem efetivamente em certos países. Alguns chegam a pensar que essa evolução é inevitável. No entanto, como o inconsciente não pode ser suprimido por um governo, nem anexado a uma nomenclatura, o mais provável é que as flutuações da história levem a psicanálise a retornar periodicamente à situação marginal, ao isolamento, à quase-clandestinidade das suas origens. O que não seria, forçosamente, prejudicial ao seu futuro, mas antes a faria renascer, também periodicamente, da sua degradação e dos seus vestígios."¹⁴

O esvaziamento dos consultórios - as boutiques e os botecos

Retomarei, agora, aquilo que, numa imagem pouco benevolente, anunciei como a morte dos psicanalistas. O que se passa com nossa prática? A queixa dos consultórios vazios não pode deixar de se fazer ouvir. Difícil não ver também o aumento considerável de sofrimento psíquico.

Nesta análise, há que considerar, por um lado aspectos estruturais e econômicos - a crise gradativamente crescente do lugar do profissional liberal no mercado de trabalho (situação que atinge também a outras áreas) e sua incorporação em grupos institucionalizados altamente competitivos. Na psicanálise, essa incorporação revela-se não tanto por clínicas de tratamento, como, por exemplo na medicina, mas antes, por instituições de formação. Isto gera uma certa "especialização" do mercado - uma ponta que se dirige a uma clientela elitizada e rica, e outra que se dirige aos menos privilegiados e pobres - temos as boutiques e os botecos.¹⁵ A inserção nas instituições públicas - lugar possível de atuação e que teve seu florescimento no final da década de 80, com a implantação de novas práticas de atendimento em Saúde Mental - está também em crise - aliás como todo o serviço público, com raríssimas exceções. O Projeto PAS, no município de São Paulo, está tendo conseqüências altamente destrutivas e negativas, tanto para o psiquismo dos profissionais quanto para o reconhecimento possível de uma história que vinha sendo construída com muito investimento a partir dos anos setenta. Isto sem considerarmos a arbitrariedade jurídica de sua implantação.

Aos que ainda não iniciaram sua prática clínica ou estão no início dela, resta às vezes, o caminho da postergação - a manutenção pro-

longada dos cursos de formação e especialização - o estudo teórico vindo velar as dificuldades com a prática clínica - lugar radicalmente necessário para se construir a função analítica.

Outro aspecto da diminuição na procura pela clínica psicanalítica talvez tenha a ver com a construção e com a prática da própria psicanálise. A clínica inicial era a das neuroses; foi a partir da clínica com as histéricas que Freud desenvolveu seu campo de saber. Hoje, percebe-se uma mudança nessa demanda - há um aumento das problemáticas narcísicas, das psicoses, dos sofrimentos corporais, das depressões crônicas - sofrimentos que remetem a um excesso pulsional que necessita da presença de um outro que torne possível sua inscrição e que requerem, muitas vezes, a criação de uma modalidade diferente de trabalho. Embora Freud tenha teorizado sobre as psicoses, ele sempre afirmou a impossibilidade terapêutica da psicanálise nesse campo, já que, segundo ele, não era possível a transferência. No entanto, tanto no campo das psicoses como de outras manifestações do sofrimento psíquico, muito há a ser desenvolvido; e, ao contrário do que Freud afirmava com relação às psicoses, o analista tem, fundamentalmente, como eixo do trabalho clínico, as indicações dadas pela transferência. Como nos diz Mannoni: "Foi necessário quase um quarto de século para que os analistas aceitassem a idéia (defendida por um Ferenczi) de que a pretensa ausência de transferência do psicótico cobria apenas, na realidade, a rejeição do analista (ou do médico) de penetrar no mundo do outro, seu paciente."¹⁶

Se a situação atual levou a uma busca desesperada de proteção, o futuro da psicanálise estará na possibilidade de marcar a sua diferença contrapondo-se às ilusões

de cura e salvação. Num mundo onde o narcisismo sofreu tamanha expansão, um campo ficou vazio - o campo da palavra dirigida a um outro e o reencontro desta palavra dentro de nós como parte daquilo que nos constitui - campo que, com todas as resistências, é ainda, a meu ver, o lugar por excelência da psicanálise. ■

NOTAS

1. S. Freud, "A Questão da Análise Leiga" (1926), in *Obras Completas*, vol. XX, Argentina, Amorrortu, 1993, p. 179.
2. S. Freud, "Autobiografia" (1925), op. cit., p. 66.
3. S. Freud, op. cit., p. 66.
4. S. Freud, op. cit., p. 69.
5. S. Freud, "O Futuro de uma Ilusão" (1927), vol. XXI, op. cit., p. 5.
6. S. Freud, "O Mal Estar na Cultura" (1930), op. cit., cap. V.
7. W. Erb (1893), in S. Freud, "A Moral Sexual Civilizada e o Nervosismo Moderno" (1908), op. cit. vol. XI, p. 165.
8. Michael Löwy, "A Escola de Frankfurt e a Modernidade", *Novos Estudos CEBRAP* nº 32, São Paulo, 1992, p. 119.
9. Jacques Le Rider: *A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade*, R.J., Civilização Brasileira, 1993, p. 501.
10. Michael Löwy, op. cit., p. 119 a 126.
11. Jacques Le Rider, op. cit.
12. Otto F. Kernberg, "Perspectivas Atuais da Psicanálise", *Percursos* nº 14, S.P., 1995, p. 108.
13. S. Freud, "A Questão da Análise Leiga" (1926), op. cit., p. 232.
14. Jean-Paul Valabrega, *A Formação do Psicanalista*, S.P., Martins Fontes, 1983, p. 11.
15. Expressões utilizadas por J. A. Guilhon Albuquerque independentes no texto "Psicanálise dos Conflitos Profissionais ou Conflitos Profissionais da Psicanálise?", in *Psicanálise & Sociedade*, Belo Horizonte, Interlivros, 1977, p. 55.
16. Maud Mannoni, *A Teoria como Ficção*, R.J., Editora Campus, 1982, p. 14.